

# Sensos e contrassensos do Exílio: Introdução e tradução ao ciclo de poemas *Exílio 1-4* de Mahmud Darwich

Leda Tenório da Motta<sup>82</sup>

Marco Calil<sup>83</sup>

para Safa Jubran

onde estais agora,  
ai, terra amada?

Jean-Luc Godard, *Film Socialisme*

Avançando na tradução do poeta palestino Mahmud Darwich (1941-2008), oferece-se aqui, em português brasileiro, quatro peças escritas do autor, lavradas no limite do dizível que lhe é próprio. O conjunto entra no livro *Feito flores de amêndoa ou mais além*, publicado em 2005, disponibilizado online, ao lado das obras completas do poeta, pela *Mahmoud Darwish Foundation* (Darwish, 2013). Trata-se de um ciclo de poemas em árabe padrão moderno, cada um dos quais chamado *Exílio*, enumerados de 1 a 4, com seus subtítulos respectivos. Traduzi-lo liga-se a iniciativas de recepção de Darwich no Brasil, principalmente da parte da Editora Tabla, a qual já publicou, do mesmo autor e tradutor, *Da Presença da Ausência* (Darwich, 2020).

*Feito flores de amêndoa ou mais além* é em si um ciclo de ciclos de poemas, diante do ciclo todo da obra de Darwich. O livro divide-se em 5 subciclos, (1) *Tu*, (2) *Ele*, (3) *Eu*, (4) *Ela*, cada qual com número desigual de poemas, e (5) *Exílio 1-4*. Todas as partes versam sobre temas típicos da poesia árabe, lugares líricos comuns como o amor, a dor, o horror, a vida, a morte, a paz, a guerra, a terra. Na obra do autor, outros espécimes desta literatura testemunhal, de que não se poderia dizer que é Literatura de Testemunho (no caso, da Nakba), com o “de” restritivo daquele gênero

---

<sup>82</sup> Leda Tenório da Motta ([ltmotta@pucsp.br](mailto:ltmotta@pucsp.br)) é professora no Departamento de Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (COS-PUC-SP). <https://orcid.org/0000-0002-1468-4752>

<sup>83</sup> Marco Calil ([ra00326338@pucsp.edu.br](mailto:ra00326338@pucsp.edu.br)) é doutorando pelo COS-PUC-SP, bolsista CNPq pelo projeto temático “Novas perspectivas de reflexão sobre a hiperídia e a produção de conhecimento nos processos comunicacionais: inovação e convergências tecnológicas”. <https://orcid.org/0000-0003-3273-9910>

noventista prestigioso que passou a encerrar todo o senso da catástrofe na Shoah, são: *Memória para o esquecimento* e *Onze astros* (Darwich, 2021a, 2021b). Em todos os casos, postos entre a resistência à ocupação israelense e o verso modernista árabe, os fluxos de depoimento confundem não apenas o poético e o prosaico, mas o tom e a forma, o som e o sentido, o realismo e o simbolismo. Donde a epígrafe do livro de 2005, tirada de de Abū-Ḥayyān Attawḥīdī (923-1023), que diz: “Seria o mais belo Verbo aquele cuja forma se compusesse de poesia como se fosse prosa e de prosa como se fosse poesia” (Darwish, 2013, p. 9).

Mas, no Darwich memorialista, a própria lógica da Vida e Obra, devedora do famigerado binômio Lírica e Sociedade, com sua articulação entre Literatura e tempo histórico traumático finalista, vê-se confundida e complicada. Assim, por um lado, o poeta é uma das vítimas passadas, presentes e futuras da diáspora e do holocausto palestinos. Da fuga da cidade natal invadida por sionistas em 1948 à experiência da incursão militar israelense contra Beirute em 1982, os exílios biográficos do autor são um referencial social e pessoal dos momentos mais politicamente engajados de seus escritos. Por outro lado, o Exílio é para Mahmud Darwich uma experiência de despersonalização da vivência e de desrealização da existência, com consequências éticas e estéticas, um estar fora de lugar do sujeito na vida e na palavra. Em *Exílio 1*, por exemplo, temos: “e tuas visões são teu exílio em um mundo que nem identidade à sombra tem, nem gravidade; andas como se te fosse outro.” Já em *Exílio 4*, ainda, temos: “exílio é o mundo exterior e exílio é o mundo interior. qual dos dois é entre eles? não me reconheço a mim bem, para não me estragar. eu não sou eu em me sendo outro em dualidade.” Eis aí sentidos e contrassentidos do Exílio no ciclo de poemas de Mahmud Darwich, que aparecem tanto em poemas de *Feito flores de amêndoa ou mais além*, quanto em tantos outros lugares da obra do poeta. Nem incluso nem excluído de sua catástrofe pessoal, mas de tal modo esquivo que já não o podemos reconhecer pelo drama do exilado, nem tomar sua vida por sua obra, Darwich diz adeus à linguagem referencial, ao jornalismo mortífero da atualidade política terrível, a uma poesia da agonia que seria ainda capaz de comunicar. Nesse sentido, serve-lhe a pergunta do crítico desconstrucionista Geoffrey Hartman a propósito de Paul Celan monologante e emudecido: “Pode uma arte tão reticente, com um estilo que marca uma ausência, ser uma forma de testemunho?” (Hartman, 2000, p. 235). Até porque, nesta literatura, perece o discurso do impacto traumático, sob o peso da palavra – ela, sim, ferida. Não se trata mais de um *speculum* de

negatividade para uma experiência ético-estética do Mundo, da sorte de uma “Aufhebung de uma Aufhebung, pela qual encontro no outro o que perco de mim” (Derrida, 1974, p. 25).

Considerações sobre tradução convêm, ainda. Há algo de fascinante nesses poemas em particular, e na poesia de Darwish em geral. A saber: um princípio de composição em ritornelo generalizado, produzindo uma repetitividade de fundo e forma, significado e significante. Os quatro poemas aqui traduzidos multiplicam exemplos de tal gesto de estilo. No primeiro nível, do conceito, há uma seriação ou recursão de fases dos poemas, produzindo fechos ou ciclos de argumentos poéticos. No nível da forma, esquematizam-se ecos, rimas, assonâncias, devidamente transcritos em português brasileiro. Em *Exílio 2*, temos: “e não há hora mais tenebrosa que a aurora;” em *Exílio 3*, “por acaso... por acaso. tudo se resignificará no ocaso.” A grafia em minúsculas é uma extravagância reivindicada da tradução, que a credita ao fato de diversas línguas orientais, como o árabe e o chinês, não apresentarem maiúsculas. Já a oscilação do registro padrão e não padrão no português, por sua vez, deve-se a uma indecisão, igualmente reivindicada, frente à modulação do tratamento formal, em função da hierarquia. Exemplos são as formas pronominais, ora “tu”, ora “vós”, ora “você”, que convivem em paz ao longo da tradução: os versos “ai, língua minha! sou eu o que és? ou és – ai, língua minha – o que sou?”, “há quantos anos você me pareceu? ele disse: há quantos anos você era eu?” e “ó, vós, dorminhocos, não ouvis o sussurro da Ressurreição no grão de areia?”, em *Exílio 1* e *2*, respectivamente, instâncias de tais oscilações de registro.

Aproveite-se o ensejo desses eternos retornos para lembrar que as filosofias desconstrutivas têm visto os desafios tradutórios como atestado da diferença insuperável das línguas, sua não correspondência fundamental, e, nesse sentido, como jogo de dados nunca conclusivamente jogado, mas eternamente diferido. É do que trata, por exemplo, Barbara Cassin, quando diz, em seu *Elogio da tradução*, que nunca se deparou com linguagem, em abstrato, mas com línguas, concretas, e que “a linguagem se manifesta na realidade apenas como diversidade” (Cassin, 2022, p. 5). O que não apenas justifica o ímpeto dos tradutores brasileiros de retomar seu poeta, mas justifica o próprio poeta, quando se retoma a si mesmo, para nunca terminar de não dizer.

Inesperado representante da causa palestina, Jean Genet, que vaga pelo Oriente Médio desde os anos 1970, estava em Beirute, em 1982, como aliás Darwish, quando dos massacres de Sabra e Chatila, ocorridos na

periferia da cidade. Vendo-se então diante de ressurgências do horror extremo, registrou, em um de seus últimos textos inclassificáveis, que queria ser o Homero da guerra entre árabes e judeus (Hankins, 1994). Um Homero falando por Troia, de fato, ecoando o final de *Exílio 4*, de Darwich. Reafirmava-se, assim, o eterno recomeço da poesia. Aproveite-se este outro ensejo para notar, por último, e mais importante, que *Feito flores de amêndoa ou mais além* desdiz, na prática, isto é, com pura poesia, a tese segundo a qual já não poderia haver poesia depois de Auschwitz.

## Tradução

### ***exílio 1: terça, dia limpo***

terça, dia limpo, caminho  
em uma rua lateral, coberta por um telhado  
de castanhas... caminho leve, leve, como se me  
tivesse evaporado o corpo, como se tivesse encontro  
marcado com poema. olho meu relógio  
distraindo. folheio nuvens remotas,  
em cujo cancionero o céu registra altas ideias, me reviro  
casos do coração à noqueira: sem  
luz como casebre na costa  
do mar. mais rápido, mais devagar, mais rápido ando.  
fico olhando os faróis dos dois lados...  
e não lembro as palavras. canto baixo,  
devagar como desempregados fazem:  
“o córrego como o potro corre ao seu destino / o mar  
e as aves roubam sementes das costas do rio.”  
sussurro, sussurro em segredo: vive  
teu amanhã agora!  
por mais que se viva, não se alcança  
o amanhã... não há terra ao amanhã, e sonha  
devagar, que por mais que se sonhe se entenderá que  
a borboleta para te iluminar não queimará /

ando leve, leve, olhando em volta  
quicá veja semelhança entre as descrições sobre mim  
e os salgueiros-chorões deste lugar, que não difiro  
nada que se refira a mim

*[se o canário não canta,  
amigo, para ti... tem ciência de  
que és carcereiro de ti, se  
o canário não canta]*

terra nenhuma é estreita como vaso de rosas  
como tua própria terra... terra nenhuma é larga  
como o Livro, como tua própria terra...  
e tuas visões  
são teu exílio em um mundo que nem identidade à sombra  
tem, nem gravidade /

andas como se te fosse outro /

se conseguisse falar com alguém a  
caminho, diria: o que me é próprio é o que  
não me sinaliza, e o que não tem nome,  
da morte como sonho, nada mais /  
se conseguisse falar com uma mulher  
no caminho, diria: o que me é próprio não  
chamaria atenção: a calcificação de artérias  
nos pés, nada mais, caminha então  
comigo, por lazer, como nuvem caminha  
"sem se demorar... nem se apressar..."

se conseguisse falar ao espectro da morte  
atrás da sebe de azaleias, diria: nascemos  
gêmeos, meu irmão és, meu algoz,  
projetista de meu curso nesta terra...  
minha mãe é tua mãe, abaixa tuas armas /

se conseguisse falar ao amor,  
depois do almoço, diria: quando éramos  
moços, éramos bons de mão, as palavras  
jovens, palavras desfalecidas sobre os dois  
joelhos. tinhas poucas caracterizações, muitas  
movimentações, eras claro: o rosto é o rosto  
de anjo vindo do sono; e o corpo,  
carneiro de febril potencial. te chamavam  
como eras, "amor," e desfalecíamos  
e desfalecia a noite /

ando leve e cresço em dez minutos,  
vinte, sessenta... ando e a vida  
se me esvazia suave como tosse leve.  
penso: e se diminuísse o passo, e se  
parasse? pararia o tempo?  
perturbaria a morte? ria da minha ideia,  
então me perguntei à alma: aonde vais,  
confiante como avestruz? vou indo  
como se a vida se corrigisse as faltas um dia.  
e não viro para trás, que não consigo  
a nada retornar, nem consigo  
me identificar

e se pudesse falar ao Senhor, diria:  
Deus, meu Deus! por que me abandonaste?  
sou apenas sombra de tua sombra na terra,  
como pudeste me abandonar e me fazer cair em  
armadilhas de perguntas: por que criaste mosquito,  
Deus, meu Deus?

*e ando indo sem destino, sem  
sentido de amanhã. lembro ter esquecido  
e esqueço ter lembrado*

*esqueço corvo em galho de oliveira  
lembro mancha verde-oliva em roupa*

*esqueço o chamado da gazela ao companheiro  
lembro fila de formiga na areia*

*esqueço saudades de estrela caída da mão  
lembro pele de raposa*

*esqueço o velho caminho para casa,  
lembro sentimento feito tangerina*

*esqueço o que eu disse  
lembro o que ainda não disse*

*esqueço histórias do avô e a espada de parede  
lembro meu medo de dormir*

*esqueço a boca da menina cheia de uva  
lembro o cheiro de alface na mão*

*esqueço casas marcantes na minha jornada  
lembro o número da identidade*

*esqueço grandes acontecimentos e um terremoto devastador  
lembro o tabaco do pai no armário*

*esqueço caminhos de partida ao nada  
lembro a luz dos astros em tendas beduínas*

*esqueço o gemido de bala na aldeia deserta  
lembro o som de grilo na floresta*

*esqueço como lembro, ou lembro que esqueci.*

[mas eu  
lembro  
esse dia,  
essa terça,  
dia limpo]

e ando por uma rua que não leva a  
lugar nenhum. quiçá meus passos me guiassem a  
um banco vazio no jardim, ou  
quiçá eles me guiassem a uma ideia da perda da verdade  
entre o estético e o real. sentarei só  
como se tivesse encontro marcado com uma das mulheres  
imaginárias. imaginei que esperei tanto  
que cansei de esperar, e que explodi:  
por que demorou? ela mente:  
tinha muito  
trânsito na ponte; calma. me acalmo  
se passar a mão no meu cabelo. sentirei que  
o jardim é quarto só nosso; as sombras, cortinas

*[se o canário não canta,  
amigo, para ti... tem ciência de  
que perdeste a hora,  
se o canário não canta]*

ela pergunta: o que está dizendo?  
digo-lhe: o canário não me canta  
você lembra de mim, forasteira? seria eu como  
aquele velho pastor-poeta que as estrelas coroaram  
Rei da Noite... aquele que então abdicou  
do trono quando enviado para ser pastor  
das nuvens? ela diz: pareceria hoje ontem,  
como se te fosses tu?...

*[lá, naquele banco de madeira, em frente,  
há uma menina, com o coração partido de esperar  
chorando*



*bebendo um copo de suco...  
polindo o cristal de meu coração,  
levando de mim o sentimento desse dia]*

pergunto a ela: como chegou?  
ela diz: vim por acaso. andava  
numa rua que não levava a lugar nenhum.  
disse: ando como se tivesse encontro marcado...  
quicá meus passos me guiassem a um banco vazio  
no jardim, ou me guiassem a uma ideia  
da perda da verdade entre o imaginário e o real.  
lembra também de mim, forasteiro?  
sou como a mulher de ontem, aquela criança  
de trança, e canções breves  
sobre nosso amor depois de um longo sono?  
eu digo: como se te fosses tu...

*[ali um moço entra agora  
pelo portão do jardim,  
levando vinte e cinco lírios  
para a moça que o esperava  
levando de mim a juventude desse dia]*

pequeno é o coração... meu coração  
grande é o amor... meu amor  
viaja no vento, desce,  
descasca romã, depois cai  
no labirinto de olhos de amêndoa,  
e aparece de duas covinhas,  
e esquece o caminho de casa e do próprio nome

pequeno é o coração... meu coração  
grande é o amor / ...

foi eu que o fui — ele?  
ou foi ele quem não o fui — eu?

*ela diz: por que as nuvens roçam as copas?  
eu digo: para perna pegar perna  
em chuva chuvosa.*

*ela diz: por que um gato me olha assustado?  
eu digo: para que você pare o tornado*

*ela diz: por que o forasteiro a seu ontem deseja?  
eu digo: para que a poesia nele só de si dependa*

*ela diz: por que o céu fica cinza  
à noite?  
eu digo: porque você não regou as flores.*

*ela diz: por que fala com ironia?  
eu digo: para que coma a cantoria  
um pouco de pão de quando em quando*

*ela diz: por que amamos e andamos em estradas vazias?  
eu digo: para vencer muita morte com pouca morte  
e escapar do abismo*

*ela diz: por que sonhei que na mão uma andorinha via?  
eu digo: porque de alguém você precisa*

*ela diz: por que me lembras de amanhã que não verei  
contigo?  
eu digo: porque és propriedade da eternidade*

*ela diz: passarás pelo túnel da noite sozinho  
depois de mim  
eu digo: passarei pelo túnel da noite depois de ti  
sozinho.*

... e caminho pesado, pesado, como se tivesse encontro marcado  
com uma das pedras. caminho e um poeta em mim comigo,  
prepara-se para seu repouso eterno em noite londrina.  
meu amigo a caminho de Damasco! não chegamos

ainda na Síria, sem pressa, sem pressa, e não deixa  
o jasmim órfão de filho, não me testem com endecha:  
como levo o fardo do poema  
sobre ti e sobre mim?

*poema de quem não gosta de descrever nevoeiro,  
o poema dele.  
casaco de nuvens sobre a igreja,  
o casaco dele.  
segredo de dois corações refugiados em Barada,  
o segredo dele  
palmeira suméria, mãe dos cânticos,  
a palmeira dele  
e as chaves de Córdoba, ao sul das névoas,  
as chaves dele  
ele não assina poema dele com o nome dele  
que a mocinha conhece ele  
se o espetar do alfinete sentir ela  
e o sal no sangue dela.  
ele, como eu, o coração dele persegue ele  
eu, como ele, não assino meu nome no testamento  
que o vento conhece meu novo endereço de família,  
aos pés de um precipício no sul longínquo  
adeus, amigo, adeus, lembranças à Síria*

não sou menino para me deixar levar  
por palavras, não sou menino  
para terminar este poema /

ando com o árabe na noite –  
essa peculiaridade linguística minha – caminho  
com a noite na língua como homem de meia-idade instando  
cavalo velho a voar até a Torre  
Eiffel. ai língua minha, ajuda-me a apreender  
para eu envolver o Ser. dentro de mim há varanda, onde não  
passa ninguém cumprimentando. fora de mim há mundo, que  
não responde cumprimentando. ai língua minha! sou  
eu o que és? ou és – ai língua minha –

o que sou? ai língua minha, ensina-me  
as núpcias entre as letras do alfabeto  
e as partes de meu corpo – que eu seja senhor, não eco!  
cobre-me com tua lã, ai língua minha, ajuda-me  
a ter sabedoria para alcançar harmonia. dá-me à luz  
que te lhe darei. sou ora teu filho, ora teu pai  
e tua mãe. se serias, eu seria, e se eu seria,  
serias. nomeia o tempo novo com os nomes dele  
estrangeiros, ai, língua minha, e convida o forasteiro  
longínquo e a prosa simples da vida a maturar  
meu verso. que quem – se não falar em  
verso – me entenderá?  
quem comigo falará  
de saudades ocultas de uma era que já era se  
não falar em verso? e quem – se  
não falar em verso – saberá  
da terra do estranho estrangeiro?

sossegada a noite, acabada a noite, despertada  
a flor para respirar à cerca do jardim.

eu disse: testemunharei que ainda vivo,  
mesmo se de longe. e que sonhei que quem  
sonhava não era ninguém que não eu...  
e meu dia, terça, era largo e longo,  
e minha noite feito breve bis adicionei  
à peça depois do pano caído. porém  
não ofenderei ninguém...  
se acrescentarei: foi um dia belo,  
como história de amor de verdade em um trem expresso

*[se o canário não canta,  
amigo,  
não culpa ninguém além de si.  
se o canário não canta,  
amigo, para ti  
então canta você para ele...  
canta você para ele]*

**exílio 2: névoa densa na ponte**

meu amigo me disse, névoa densa  
na ponte:  
sabe-se algo pelo contrário?  
eu disse: na aurora, as coisas se aclaram  
ele disse: e não há hora mais  
tenebrosa que a aurora,  
larga tua fantasia ao rio /  
no azul da aurora, morre no  
pátio da prisão, ou perto do pinheiro,  
jovem, esperançoso da vitória /  
no azul da aurora, o cheiro de pão desenha  
um mapa de uma vida cujo verão é primavera /  
no azul da aurora, os sonhadores acordam  
leves e andam sobre as águas de seus sonhos  
alegres  
– aonde a aurora nos leva? e a aurora  
é ponte; aonde nos leva?  
meu amigo me disse: não quero lugar  
para ser enterrado. quero lugar para viver  
e maldizer, se quiser.  
e eu disse a ele – o espaço passa como passe  
entre nós: o que é espaço?  
disse ele: a descoberta dos sentidos de uma pegada  
da intuição,  
então suspirou:

*ai rua estreita que me levava  
na noite larga à casa dela  
nos arredores da solidão  
você ainda guarda meu coração  
de cor  
e esquece a fumaça da cidade?*

eu disse a ele: não aposta na realidade  
que não se vai encontrar nada vivo à tua imagem à  
tua espera...  
que Tempo doma até montanha

elas são levantadas mais alto e lançadas mais baixo que se sabe.  
aonde a ponte nos leva?  
ele disse: por acaso esse caminho à ponte  
era longo?  
eu disse: por acaso essa névoa era  
densa nos degraus da aurora?  
há quantos anos você me pareceu?  
ele disse: há quantos anos você era eu?  
eu disse: não lembro  
ele disse: não me lembro que lembrava  
nada além da estrada.

*e ele cantou:*

*[na ponte, em outra terra,  
o saxofone anuncia o término do inverno  
na ponte os forasteiros confessam  
seus erros, enquanto ninguém participa  
com eles no canto]*

e eu disse a ele: há quantos anos insisti à  
pomba: voa ao Lótus Último,  
sob nossa janela, ai pomba: voa, voa  
e ele disse: é como se tivesse perdido meus sentidos  
e eu disse: logo imitaremos nossas vozes de  
quando éramos pequenos. articularemos mal nossa fala.  
dormiremos como casal de pombas em vinha que veste  
a casa. logo a vida nos confrontará  
com o óbvio. e as montanhas, como são, detrás  
da imagem delas em minha fantasia. o céu velho,  
limpo em cor e intelecto, e se  
não me falha a memória, segue  
como era, como a imagem dele em minha fantasia, e o ar,  
convidativo, cristalino e divino segue  
como era, à minha espera... segue como era.

eu disse: amigo, o caminho comprido  
me livrou de meu corpo. não sinto seu barro.  
não sinto seus estados. cada passo, voo alto.

meus passos são minhas visões. e meu "eu"  
acenou-me de longe:

*"se essa estrada tua  
é extensa,  
tenho o que fazer em lendas"*

mãos divinas nos treinaram a gravar nossos nomes  
nos catálogos de salgueiros. não éramos claros  
nem obscuros. mas nosso estilo de  
atravessar ruas de época em época  
levantava questões: quem são esses  
que, quando veem a palmeira, param  
calados e se põem prostrados à sombra dela?  
quem são esses que, quando riem, irritam  
os outros?

na ponte, em outro país, ele me disse:  
conhecem-se os forasteiros pelo olhar à água desligado,  
pela timidez e pelo andar gago.  
e o nativo segue com passos firmes  
no sentido de um objetivo claro. o estrangeiro anda desnordeado,  
de si perdido

ele me disse: toda ponte é um ponto... de encontro,  
na ponte entro-me em mim, e me entrego  
o coração a abelhas ou andorinhas  
eu disse: não de todo. na ponte caminho  
ao meu interior, treino-me na  
atenção ao que lhe diz respeito. toda ponte se racha,  
logo tu não serás quem eras já  
e os seres não são memórias

*sou dois em um,  
ou sou  
um rachado em dois  
ponte, ai, ponte  
qual dos dois pedaços eu sou?*

andamos na ponte há vinte anos,  
andamos na ponte há vinte metros,  
indo e vindo  
e eu disse: não sobrou muito  
e ele disse: não sobrou muito  
e dissemos juntos, de uma vez, sonhando:

*– andarei leve, pisando no vento  
arco que acaricia a terra do violino  
ouvirei meu sangue pulsando nas pedrinhas  
e nas veias do espaço*

*– descansarei a cabeça no toco de alfarrobeira,  
ela é minha mãe, mesmo que me tenha deserdado  
cochilarei um pouco, e dois passarinhos me levarão  
alto, mais alto, até uma estrela que tinha me deportado*

*– acordarei meu espírito a uma dor anterior,  
que vem como carta, de varanda da memória  
clamarei: ainda estou vivo, porque  
sinto a flecha perfurando meu flanco*

*– olharei à direita, na direção do jasmim  
lá aprendi as primeiras canções do corpo  
olharei à esquerda, em direção ao mar  
onde aprendi a espuma pescar*

*– mentirei como menino: esse leite  
na calça é restinho de sonho que me atçou... e acabou  
negarei que imito a longa sesta do poeta  
antigo, entre os olhos da gazela-fera*

*– beberei da fonte do jardim um pouco  
d'água. sedento como água, sedenta de si  
perguntarei ao primeiro passante o caminho: já viu  
fantasma feito eu, em busca  
de seu ontem?*



– levarei minha casa no ombro... andarei  
como anda jabuti lento  
caçarei águia com vassoura, e perguntarei:  
onde errei?

– procurarei na mitologia e arqueologia  
e em todas logia por meu nome antigo  
uma das deusas de Canaã tomará meu lado, então  
juraré com relâmpago: este é meu órfão filho

– elogiarei mulher que pare filho  
in vitro, que não tem semelhança alguma  
consigo. chorarei homem que morreu quando percebeu

– tomarei uma linha de Almaarri, e o corrigirei:  
meu corpo é um trapo de pó, ó alfaiate  
do Ser, costura-me!  
escreverei:  
ó criador da morte, deixa-me  
em paz... e só!

– acordarei meus mortos: somos todos iguais,  
dorminhocos, ainda sonhais, como nós,  
com o Dia do Juízo?  
recolherei os gazais que o vento espalhou  
em Córdoba, e completarei O Colar da Pomba

– selecionarei de minhas memórias íntimas  
uma descrição do adequado: cheiro de lençol amassado  
depois do sexo, cheiro de grama depois da chuva  
testemunharei como o rosto da rocha fica esverdeado

– rosas de março me queimarão onde nasci  
pela primeira vez  
flores de romã me engendrarão, e nascerei delas  
mais uma vez!

– me afastarei do ontem, quando voltar  
ao seu patrimônio: a memória  
me aproximarei do amanhã quando perseguir cotovia  
ardilosa  
– saberei que estou atrasado para meu encontro marcado

– saberei que meu amanhã  
já tinha passado, passado como nuvem,  
sem ter me esperado  
saberei que o céu choverá em breve  
em mim  
e que eu  
ando na ponte /

pisamos agora a terra da ficção? quiçá  
ela não era como fantasiamos “ela não é nata  
nem mel” e o céu é cinza.  
a aurora ainda é azul escuro, qual  
era é agora? uma ponte se alonga  
e se encurta... uma aurora se alonga e engoda. que  
era é agora? /

o país velho dorme atrás de castelos  
turísticos, o Tempo emigra à estrela  
que queimou o cavaleiro apaixonado. ó vós,  
dorminhocos, que dormem nas agulhas da memória! não  
percebeis o som de tremores no casco da gazela?

eu disse a ele: está com febre?  
o pesadelo dele seguiu: ó vós, dorminhocos, não  
ouvis o sussurro da Ressurreição no grão  
de areia?  
eu disse a ele: está falando comigo? ou  
consigo?  
ele disse: cheguei ao fim do sonho...  
me via velho ali,  
e me vi o coração perseguindo meu cachorro ali,  
latindo... me vi o quarto rindo: ainda vive? vem,

deixa eu te levar o ar, e tua bengala de madeira,  
cravejada de madrepérola de Marrocos! como  
retorno ao começo, amigo? quem sou eu?  
quem sou eu sem sonho e sem colo de mulher?

eu disse: visitamos os restos da vida, da vida  
como ela é, que aprendamos a amar coisas  
que tínhamos, a amar coisas que não são  
a nós... nem nossas se as olharmos juntos de  
cima, como a neve cai nas montanhas,  
quijá as montanhas sejam como fossem,  
e os campos como fossem,  
e a vida, reconhecida e conhecida,  
entramos agora na terra da ficção,  
amigo?

ele me disse: não quero lugar para ser enterrado  
quero lugar para viver, e maldizer, se quiser....

e ele olhou a ponte: essa é a porta.  
a porta da verdade. não podemos entrar nem  
podemos sair  
nada se sabe pelo contrário  
as passagens estão fechadas  
e o céu, acinzentado e cerrado  
e a mão da aurora levanta as calças da oficial,  
cada vez mais altas...

ficamos na ponte há vinte anos  
comemos enlatados há vinte anos  
estamos fora de moda,  
ouvimos músicas novas,  
tão bem feitas,  
do quartel da tropa  
nossos filhos casaram com princesas exiladas  
que mudam de nome  
deixamos nossos destinos àqueles que amam perdas  
no cinema.  
lemos na areia nossos rastros

não éramos obscuros nem claros,  
como a imagem de uma grande aurora que boceja /

eu disse: tua ferida ainda te fere,  
amigo? ele disse: não sinto nada  
meu pensamento me fez do corpo registro de provas  
nada provará que eu sou eu,  
senão uma morte na ponte às claras  
olho uma rosa além  
e o carvão arde.  
olho minha cidade natal, mais além,  
e a cova abre /

eu disse: vai com calma, não morre já. que a vida  
é possível na ponte. a metáfora é ampla o bastante:  
é um istmo entre Mundo e Além,  
entre exílio e terra vizinha  
ele me disse, enquanto falcões nos sobrevoavam:  
tome meu nome como amigo, fala de mim  
e vive até que a ponte te traga de volta  
à vida amanhã  
sem dizer: ele morreu, ou viveu  
a vida em vão.  
diz: ele se olhou de cima  
e se viu vestido de árvore, e bastou-lhe  
o cumprimento: /

*“se essa estrada é extensa  
tenho o que fazer em lendas”*

estava sozinho na ponte, naquele  
dia em que o Messias tinha se retirado  
a um monte por Jericó... antes da Ressurreição.  
caminho e não consigo entrar nem consigo  
sair... viro-me como girassol  
à noite me acorda a voz da ronda noturna,  
quando uma oficial canta ao namorado:

*não me prometa nada,  
não me presenteia  
com rosa de Jericó!*

***exílio 3: como tatuagem de mão na poesia antiga do poeta***

eu sou ele, ele anda na frente e eu sigo  
não lhe digo: aqui, aqui  
foi-nos algo inequívoco:  
pedra, verde, árvore. rua.  
lua jovial. real que não deu em real.  
ele caminha na frente  
e sigo sua sombra...  
se ele aperta o passo, sua sombra se ergue nas colinas  
e cobre um pinheiro no sul,  
e cobre um salgueiro no norte,  
não nos separamos? eu disse, ele disse: sim.  
te devo o retorno do imaginado ao realizado,  
e você, da maçã à gravidade  
eu disse: aonde me leva?  
ele disse: ao princípio, onde nasceste  
aqui, tu e teu nome /

*se pudesse voltar ao início, escolheria  
menos letras em meu nome,  
letras menos grosseiras a ouvidos estrangeiros /*

março é um mês de raios e paixões.  
a primavera surge como ideia em quem troca ideia,  
entre um longo inverno e um longo verão. e não  
lembro de nada além de alegoria, mal nasci  
quando entendi símile claro entre  
juba do cavalo e tranças da mãe

– deixa a metáfora quieta e anda quieto  
sobre a penugem da terra – disse ele, que o ocaso  
retorna o forasteiro ao seu poço, como canção  
não cantada, que o ocaso nos acorda

saudades de paixão escura  
– por acaso... por acaso. tudo se ressignificará no  
ocaso. as memórias acordariam e chamariam  
como sinal do fatal no ocaso,  
como ritmo de cântico a ninguém não cantado

*[no cipreste,  
a oriente das paixões,  
nuvens douradas  
e no coração, transparência castanha  
de sombras, bebida como água  
vem, vem brincar  
vem, vamos lá  
a qualquer estrela]*

eu sou ele, ele passa em cima de mim, e pergunto-lhe:  
lembra de alguma coisa aqui?  
pise leve – e lembre,  
da terra grávida de nós.  
ele disse: vi a lua brilhando aqui,  
sua tristeza clara, como laranja na noite,  
guiando-nos no deserto a caminhos perdidos...  
sem ela, mães não conheceriam seus filhos  
sem ela, não leriam os andarilhos de  
noite seus nomes: “refugiados”  
do vento convidados /

minhas asas eram pequenas no vento àquele ano...  
achava que se reconhecia o lugar  
pelas mães e pelo aroma de sálvia. ninguém  
me disse que este lugar se chama país,  
e que além do país há fronteiras,  
e que além de fronteira há um lugar chamado Diáspora e Exílio  
para nós. ainda não precisava da identidade,  
mas eles... aqueles que vieram até nós montados  
em tanques levam de caminhão nosso lugar  
raptado

lugar é emoção

— tais são nossos rastros mortais, como tatuagem de mão na  
poesia antiga do poeta, eles passando por nós,  
nós por eles passando — disse ele quem eu era no dia que não  
sabia detalhes particulares de nossas árvores...  
ou os nomes dos pássaros que se reúnem em mim.  
não lembrava das palavras para defender o local  
do despejo a seu nome forasteiro recoberto  
de eucalipto. os sinais dizem-nos:  
não estivestes aqui.

*diminui o furacão  
lugar é emoção*

— tais são nossos rastros mortais — disse ele quem eu era...  
aqui duas temporalidades se encontram e desencontram, quem então  
és na presença do “agora”?  
eu disse: eu te seria, não fosse a fumaça das fábricas  
ele disse: quem és na presença do ontem?  
eu disse: eu nos sou, não fosse a intrusão de verbo  
imperfeito  
ele disse: e quem serás na presença do amanhã?  
eu disse: poema de amor que escreverás quando  
escolheres, já que tu mesmo és lenda do amor /

*[cor de trigo como cantos de colheita antigos  
preto pela picada da noite,  
branco pelo riso da água,  
quando te aproximas da fonte  
teus olhos, amêndoas,  
duas chagas de mel, teus lábios  
tuas pernas, torres de mármore,  
tuas mãos em meus ombros, duas aves  
de ti um sopro me esvoaça  
pelo lugar]*

— deixa a metáfora, e anda comigo. não  
vês vestígios da borboleta na luz?  
eu disse: lá te vejo; te vejo passar  
como uma das ideias de nossos ancestrais  
ele me disse: assim a borboleta recobra  
suas obras poéticas: uma canção que só  
astrônomos registram em divãs, feito prova  
da verdade da eternidade /

*caminho devagar sozinho e me persegue  
minha sombra; eu, a ela; nada me traz de volta  
nada a traz de volta  
como se parte minha de mim partisse,  
ansiosa por seu amanhã: não espera ninguém  
não me espera, mas não lhe digo adeus*

*como se fosse poesia: sobre o monte, me engana  
uma nuvem, tecendo sua identidade em torno,  
legando-me uma órbita que não sairei*

lugar tem seus cheiros,  
ocaso tem suas dores,  
gazela tem seus predadores,  
tartaruga tem carapaça de autodefesa,  
formiga tem seu reino,  
pássaros têm seus compromissos,  
montaria tem seus nomes,  
flor de trigo tem feriado,  
quanto ao cântico, cântico de final feliz,  
ele não tem poeta /

na última vigília da vida, ouvimos  
todos os sons sem atenção,  
a dor na articulação nos acorda de nosso sono,  
ou um mosquito, zumbindo como professores de filosofia...  
na última vigília, sentimos a dor  
das pernas amputadas, como se a sensação  
tardasse. não despertamos quando jovens



à nossa chaga interna, que talvez  
como pintura a óleo, ela fosse fogo que acendesse as cores  
de nossas bandeiras, que aticasse o touro de nossos hinos.  
na última vigília da vida, só  
amanhece a aurora porque anjos da bondade  
cumprem seu dever, com humildade...

eu sou ele, cocheiro de mim mesmo  
*sem montaria que relincharia em minha língua*

ele disse: caminhamos mesmo na última vigília  
da vida, caminhamos mesmo os caminhos que nos abandonaram.  
vamos, como voam os místicos, nas palavras...  
voamos aonde fosse!

uma colina tão alta quanto duas mãos para o céu subimos.  
caminhamos sobre espinhos, sobre carvalhos,  
cobrimo-nos na lã órfã de plantas, unimo-nos  
ao dicionário de nossos nomes. sentes o cascalho em chamas?  
e a agudeza do cortiçol? ele me disse: não sinto  
nada, como se as sensações me fossem um luxo, como se eu  
estivesse aqui como um dos muitos descritores da Ausência.  
minha vida não é comigo... ela me largara como larga  
uma mulher um homem – fantasma, ela esperou por mim  
e, cansada de esperar, ao outro conduziu  
ao seu tesouro feminino /

*se há de haver lua,  
que seja cheia,  
sem curva de banana /*

eu disse: precisa-se de tempo para se conhecer a si,  
senta-te no meio do entre-meio e meio-termo,  
que não há como no como, nem onde no onde  
em duas rochas celestiais aguardamos o ocaso  
da gazela... ao ocaso, o forasteiro sente  
a necessidade de abraçar outro forasteiro, ao ocaso  
dois forasteiros sentem que há, entre eles,

um terceiro que interrompe o que dizem e o que não dizem...

*diz adeus ao que foi  
diz adeus ao que será  
adeus à rima em "n"  
no nome de duplos  
e no país de ametista!*

digo-lhe: quem é ele?  
um eco longe diz: é o real,  
aqui. a voz de nossos fados. o piloto  
que tratou o espontâneo deste lugar,  
que cortou os cachos de nossas oliveiras para combinar  
com o cabelo do exército, dando brecha ao burro  
de um profeta antigo. é o real, domador  
do mito. o terceiro dos que sentam em duas rochas  
celestiais, mas que não nos vê como somos:  
velho com criança debaixo do braço, e criança debaixo  
da sabedoria do velho /

dissemos: salve, humanos e gênios  
em nosso entorno  
ele disse: não entendo a metáfora  
dissemos: por que imergirmos no que dizemos  
e no que sentimos?

ele disse: a forma que tua sombra se vestiu de cascalho  
e cortiçol me assombrou.  
perguntamos a ele: o que te assombra?  
e ele disse: a sombra... a sombra cheira a alho  
às vezes, e sangue, às vezes  
perguntamos a ele: de onde vens?  
e ele disse: de não-lugares, que todo lugar  
longe de Deus ou Sua Terra é exílio.  
e vós?  
e dissemos a ele: somos descendentes do espírito do lugar.  
nascemos aqui... e aqui viveremos, se

ainda vive o Senhor. e todo lugar longe  
de Deus e de Sua Terra é exílio  
e ele disse: a forma como vossa sombra veste este lugar  
me faz duvidar  
e perguntamos a ele: do que duvidas?  
e ele disse: da sombra lutando contra sombra  
e dissemos a ele: será porque o intervalo entre ontem  
e nosso presente fertiliza a trilogia do tempo?  
ele disse: vos matei ontem  
dissemos: a morte nos perdoou  
ele gritou: sou guardião da eternidade!  
diz adeus ao que será  
e ao que foi  
diz adeus ao cheiro de alho  
e sangue à sombra deste lugar

significaria a coisa aqui, coisa que me cria?  
quem recobriria o significado de suas características?  
como é que nasceria de uma coisa... coisa que criaria?

deitado estou em árvore elevada, que me eleva  
ao céu, e me elevo como pássaro com cuidado  
por nada traído, por nada abatido

em tudo vejo meu espírito e sinto  
pelo que não sinto, ou não sinto  
com meu espírito por tanto que sinto

eu e eu não cremos nessa estrada empoeirada,  
mas seguimos o rastro da formiga [que  
o aparente é o mapa da intuição], sem sol  
se pôr ainda, nem lua iluminada alaranjada

eu e eu não cremos que o início  
espere seus retornados, como mãe na  
entrada de casa. mas seguimos, embora  
o Céu nos tenha abandonado  
eu e eu não cremos que estória

nos trouxesse de volta testemunhas do que fizemos:  
esqueci-te, como minha camisa manchada de amora,  
quando correste ao mato e te arrependeste...  
esqueci-te enquanto guardaste  
pena de fênix para mim... e te arrependeste

— fazemos pazes? eu disse  
e ele disse: espera. lá a dois metros de distância  
fica minha escola. vem, vamos libertar consoantes  
da aranha, vamos deixar só vogais  
chorando!  
lembro dela: duas paredes antigas sem  
telhado como duas letras de uma língua que as areias desfiguraram  
e lembro de um terremoto, como o de Sodoma. vacas gordas  
dormem no alfabeto; um cão contente balança  
o rabo. uma noite curta prepara  
suas coisas para o festim das raposas /  
ele disse: a vida continua sua rotina depois de nós.  
ai, como ela é libertina, não pensa em nada  
além de satisfazer seus desejos  
eu disse: fazemos as pazes para dividirmos essa  
Ausência? estamos sozinhos aqui neste poema?  
ele disse: espera. lá, à beira-morro,  
a oriente, está o cemitério de meu povo. passemos  
antes do cair da noite pelos mortos  
saudemos os que dormem,  
saudemos os que sonhem,  
no jardim de seu Paraíso salvos.  
saudemos os que com leveza sobem  
a escada de Deus /

*na presença da morte, apegamo-nos  
apenas aos nossos nomes...*

absurdo sem cabimento! não encontramos pedra nenhuma  
que tivesse o nome da vítima, nem meu nome, nem  
teu nome /  
— quem de nós morreu? perguntei, eu ou

eu?

ele disse: não sei agora

eu disse: não fazemos as pazes?

ele disse: espera!

e eu disse: esse é o retorno desejado?

e ele disse: é só uma brincadeira de uma de nossas deusas travessas,  
te agradou visita?

eu disse: esse é o fim de teu exílio?

ele disse: esse é o início de teu exílio

eu disse: qual a diferença?

ele disse: artifício da eloquência

eu disse: eloquência não é necessária à perda

ele disse: ao contrário, eloquência engana viúva

a casar com turista estrangeiro, e protege

as rosas do jardim do divertimento do vento

eu disse: não fazemos as pazes?

ele disse: se um vivo e um morto assinarem, em  
um corpo, trégua

eu disse: eis-me, morto e vivo

ele disse: te esqueci... quem és?

eu disse: sou cópia de teu eu, consciente do que

a borboleta me disse: ai, meu irmão em fragilidade...

ele disse: mas ela pegou fogo.

eu falei: não pega fogo como ela

virei para ele, e não o vi, então gritei

com todas minhas forças: espera por mim!

leva tudo,

menos o nome /

ele não esperou por mim, voou... e a noite me alcançou

e meu choro cativou um fantasma passageiro

eu falei: quem és?

ele disse: salve, e eu disse: salve

quem és?

ele disse: estou de passagem, gosto dos vossos mitos

e gostaria de casar com uma das viúvas-filhas de Anat!

***exílio 4: contraponto  
para Edward Said***

Nova Iorque / novembro / Quinta Avenida  
o sol, disco metálico que revoa /  
digo ao meu forasteiro eu na sombra:  
isso é Sodoma ou Babilônia?

lá, à porta de um arranha-céu,  
no alto do céu, conheci Edward,  
trinta anos atrás,  
os tempos eram menos estúpidos que agora,  
dizíamos:  
se teu passado é experiência  
faz do amanhã sentido e visão!  
vamos,  
vamos ao nosso amanhã confiantes,  
com a verdade da fantasia e o milagre da gramínea /

não lembro se íamos ao cinema  
à noite, mas ouvi índios  
antigos me chamando:  
não confia nem no cavalo, nem na modernidade /

*não, vítima não pergunta ao próprio carrasco,  
eu sou você? se minha espada  
fosse maior que minha rosa, me perguntaria  
se faria o mesmo como você?*

uma pergunta desta desperta a curiosidade do romancista,  
em seu escritório de vidro, com vista  
a lilases no jardim... onde as mãos da hipótese  
se embranquecem como a consciência  
do romancista, quando ele limpa seu relato  
com a natureza humana: não há amanhã  
ontem; avante, então! /

*mas quiçá avante fosse ponte de retorno  
à barbárie...*

Nova Iorque. Edward levanta para uma madrugada  
parada. ele toca Mozart. ele corre  
na quadra de tênis da universidade. ele pensa  
em aves migrando por fronteiras e sobre barreiras.  
ele lê o New York Times. ele escreve seus comentários  
duros. ele maldiz o orientalista que guia o general  
a um ponto fraco em um coração oriental.  
ele toma banho. ele escolhe seu terno com elegância de galo.  
ele bebe café com leite. e ele grita  
para a madrugada: ei, sem ficar assustada /

no vento ele anda. e no vento  
ele sabe quem ele é. vento não tem teto.  
vento não tem casa. vento é bússola  
apontada ao norte do forasteiro.

ele diz: sou de lá. sou de cá  
não estou nem aqui, nem acolá  
tenho dois nomes, que se encontram e se separam,  
e tenho duas línguas, esqueço em qual delas  
sonhava,  
tenho o inglês para escrever,  
obediente nas palavras,  
e tenho uma língua em que o Céu falava com  
Jerusalém, de acentuação platina, mas que  
não me realizava as fantasias!

e a Identidade? eu disse  
ele disse: é autodefesa...  
Identidade é filha da nascença, mas  
no final é cria do dono, não  
herança de passado. eu sou muitos. interna  
e externamente me renovo... mas eu  
pertencço à questão da vítima. não fosse  
eu de lá, treinaria meu coração

à gazela da metonímia lá alimentar.  
leva então tua terra aonde quer que vá...  
e seja narcisista se precisar /

— exílio é o mundo exterior  
e exílio é o mundo interior.  
qual dos dois é entre eles?  
□ não me reconheço a mim bem,  
para não me estragar. eu não sou eu  
em me sendo outro em dualidade,  
que cantarola entre discurso e gestualidade.  
se escrevesse poesia, diria:

*sou dois em um  
como asas de andorinha,  
se a primavera for tardia,  
bastaria eu levar boas notícias*

ele ama um país, e viaja dele  
[o impossível fica longe?]  
ele ama viajar a tudo,  
e na viagem livres entre culturas,  
estudiosos da essência humana podem encontrar  
lugar para quem precisar.  
há uma margem que avança. ou um centro que recua  
Oriente não é de todo Oriente,  
e Ocidente não é de todo Ocidente,  
porque Identidade é aberta à multiplicidade,  
sem ser nem fortaleza nem trincheira /

*a metáfora dormia à margem do rio,  
não fosse a poluição,  
teria abraçado a outra margem*  
— escreveu um romance?  
tentei... tentei trazer de volta  
minha imagem no espelho das mulheres remotas,  
mas elas se entocaram na noite segura delas  
e disseram: nosso mundo independe do Texto



Homem não escreverá Mulher, Enigma e Sonho  
Mulher não escreverá Homem, Símbolo e Estrela  
nenhum amor parece com outro amor  
nenhuma noite parece com outra noite  
deixem-nos contarmos descritores dos homens e rirmos!

— e o que você fez?  
ri do meu feito sem sentido  
e joguei o romance na lata de lixo!

*/ o pensador represa o fluxo proseador  
e o filósofo escalpela a rosa do cantor /*

ele ama um país e viaja dele:  
sou o que sou e o que serei  
me farei a mim sozinho  
e escolherei meu exílio  
meu exílio é palco de espetáculo heroico  
defendo a necessidade de poetas  
ao amanhã e a memórias ao mesmo tempo  
defendo árvore que os pássaros vestem  
como pátria e exílio  
defendo lua ainda própria a poema de amor  
defendo ideia destroçada pela fragilidade dos donos dela  
e defendo uma pátria tomada por mitos /

— é possível retornar a coisa alguma?  
o que me está à frente arrasta o que me está atrás, com pressa...  
não tenho tempo para traçar linha  
em areia. mas posso visitar ontem,  
como fazem forasteiros,  
quando ouvem à noite  
o poeta pastoral:

*[uma moça na fonte encheu seu cântaro  
com leite de nuvens  
chorando e rindo de uma abelha  
que picou seu coração na agonia da Ausência*

*é o amor quem causa dor na água  
ou doença na névoa...?  
etc.]*

— então te acometeu a doença da saudade?  
saudade de amanhã... mais além, mais acima  
e mais além. meu sonho me guia os passos. minha visão  
me senta o sonho no colo como gato de casa.  
ele é realista e fantasista, filho da Vontade:

*temos o poder  
de mudar  
o que do abismo não se pode evitar!*

— e saudade de amanhã?  
é paixão indiferente a quem pensa, a não ser  
que ele entenda o anelo do forasteiro pelos instrumentos da Ausência.  
quanto a mim, minha saudade é luta contra um presente  
que pega o amanhã pelo cangote

— você não infiltrou o ontem quando voltou  
para casa, tua casa, no bairro da Talihiya?  
me preparei para deitar  
na cama da minha mãe, como criança que teme  
o pai faz. tentei trazer minha infância  
de volta, seguir pela Via Láctea  
no telhado de minha casa antiga, e tentei  
sentir a pele da Ausência e o cheiro do verão  
do jasmim do jardim. mas a fera da Verdade  
me afastou da saudade que me persegue, ladra

— ficou com medo? o que te amedrontou?  
não encaro Perda, face  
a face. fiquei na porta feito mendigo.  
deveria pedir licença a estranhos para dormir em cima  
da minha própria cama... para me visitar por cinco minutos?  
deveria prestar reverência aos habitantes do meu sonho de infância?  
eles perguntariam: quem é turista estrangeiro

bisbilhoteiro? eu conseguiria falar de  
paz e guerra entre as vítimas e as vítimas  
das vítimas, sem contradições? eles  
me diriam: não haveria lugar a dois sonhos em  
um só quarto?

*[nem eu, nem ele,  
mas o leitor se perguntaria o que  
a poesia nos diria em tempos de tragédia]*

sangue,  
    e sangue,  
        e sangue  
            em tua terra,

em meu nome e em teu nome, na flor  
de amêndoa, na casca de banana, no leite  
de criança, na luz e na sombra, no  
grão de trigo, no saco de sal /  
bons caçadores acertam com precisão  
no alvo

com sangue.  
    e sangue,  
        e sangue...  
esta terra é menor que o sangue dos filhos dela,  
em pé no umbral do Juízo Final, feito  
missa. não seria esta terra de verdade  
bendita ou benzida  
a sangue,  
    e sangue  
        e sangue

que nem reza nem areia secam?  
não há justiça suficiente nas páginas do Livro Santo  
que alegresse os mártires enquanto livres  
andassem sobre as nuvens. sangue de dia,  
sangue na noite, sangue no Verbo.

ele diz: o poema pode abrigar perdas,  
como uma fio de luz que brilha no coração de viola  
ou um Messias a cavalo, trespassado por trópicas  
belas. estética só é manifestação  
do verdadeiro em forma /

em um mundo sem Céu, torna-se a Terra  
abismo. e o poema é um dos pêsames,  
uma das propriedades dos ventos, norte ou sul.  
não descreva o que a câmera vê de tuas chagas.  
e grita para se ouvir, grita para se ter ciência  
de que ainda se vive, e que a vida  
nesta terra é possível. inventa  
esperança de palavra, cria sentido ou miragem,  
para alongar o esperar,  
e canta, que o belo é liberto /  
eu digo: vida definida como  
contrário da morte... não é vida

ele diz: viveremos, mesmo se a vida nos deixe  
à deriva. sejamos mestres das palavras  
que imortalizarão seus leitores —  
como bem disse teu amigo Ritsos /

*e ele disse: se eu morrer antes de você  
vai pelo impossível!  
perguntei: o impossível fica longe?  
e ele disse: fica uma geração longe  
perguntei: e se eu morrer antes de você?  
ele disse: darei pêsames aos montes da Galileia  
e escreverei "o bonito só é expressão  
do propício". e agora, não esqueça:  
se eu morrer antes de você, vai pelo impossível*

quando o visitei em Nova Sodoma,  
no ano de 2002, ele  
lutava contra a guerra de Sodoma à Babilônia

e um câncer,  
como o último herói épico,  
defendendo os direitos de Tróia  
naquela parte da história /

*uma águia diz adeus ao próprio pico, subindo  
subindo,  
pousando acima do Olimpo  
mas picos  
acabam cansando*

*adeus  
adeus à poesia da agonia!*

## **Bibliografia**

- CASSIN, B. (2022). *Elogio da tradução*. (D. Falkembach & S. Petry, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- DARWICH, M. (2020). *Da Presença da Ausência*. (Marco Calil, Trad.). Rio de Janeiro: Tabla.
- DARWICH, M. (2021a). *Memória para o esquecimento*. (Safa Jubran, Trad.). Rio de Janeiro: Tabla.
- DARWICH, M. (2021b). *Onze astros*. (Michel Sleiman, Trad.). Rio de Janeiro: Tabla.
- DARWISH, M. (2013). *Kazahr allawz aw aba°d*. Ramallah: Mahmoud Darwish Foundation, Alahlia, Dar Alnasher. Disponível em: [https://mahmouddarwish.ps//flipping/index.php?pdf=/files/server/full2023/she3r/kzahf\\_allawz.pdf](https://mahmouddarwish.ps//flipping/index.php?pdf=/files/server/full2023/she3r/kzahf_allawz.pdf).
- DERRIDA, J. (1974). *Glas*. Paris: Éditions Galilée.
- HANKINS, J. (1994). *Genet à Chatila*. Arles: Actes Sud.
- HARTMAN, G. (2000). Holocausto, testemunho, arte e trauma. In A. Netrovski & M. Seligmann (Orgs.), *Catástrofe e representação*. (C. V. de Matos, Trad.). São Paulo: Editora Escuta.